

## A SITUAÇÃO DA CLASSE TRABALHADORA RIBEIRINHA NA BACIA DO RIO DOCE: CRIME AMBIENTAL, TRABALHO, EDUCAÇÃO E CULTURA

Mahalia Aquino  
Universidade Federal Fluminense – UFF (Brasil)  
Endereço eletrônico mahaliagcaquino@gmail.com

Lia Tiriba  
Universidade Federal Fluminense – UFF (Brasil)  
Endereço eletrônico: liatiriba@gmail.com

536

### INTRODUÇÃO

Inicia-se essa breve exposição da pesquisa desenvolvida no doutorado (PPGEducação – UFF), com a indagação principal que norteia toda investigação: como vive um ribeirinho sem rio?

A pesquisa parte da realidade da Bacia do Rio Doce após o crime ambiental que culminou no rompimento da barragem de rejeitos minerários de Fundão localizada no Complexo de Germano em Mariana – MG, no dia 05 de novembro de 2015. A barragem, de responsabilidade da Samarco Mineração (e suas acionistas Vale S.A. e BHP Billiton – cada uma com posse de 50% da empresa), causou inúmeras consequências para todo o meio ambiente (conceito entendido pela autora como seres humanos e natureza em relação).

Esse crime ambiental da Bacia do Rio Doce recaiu, de forma mais violenta, sobre comunidades compostas por agricultores familiares, ribeirinhos, artesãos, indígenas e quilombolas. Essa situação condicionou e ainda condiciona todos àqueles que dependiam dos rios atingidos (destaque para os Rios Gualaxo do Norte, do Carmo e Doce), a uma nova realidade ambiental (AQUINO, 2018).

O Rio Doce e seus afluentes, que antes eram vistos como forma de trabalho, lazer, subsistência e manifestações culturais, por exemplo, hoje é definido como um “rio morto” (conforme a pescadora de Mascarenhas – ES, em entrevista de Aquino (2018)). Sendo assim é compreendido na pesquisa que esse crime acarretou em uma desestruturação dos modos de vida (SOUZA, 2020) dos trabalhadores que ocupam historicamente o território da Bacia.

Como **objeto de análise** da pesquisa, essas transformações negativas ocasionadas pelos crimes ambientais à natureza impactam diretamente as comunidades



ribeirinhas. Isso se deve, principalmente, pelo impacto direto ou, no caso do Rio Doce, o fim de seus trabalhos familiares na pesca – entendido como parte fundante dos modos de vida (TIRIBA, 2018) desses trabalhadores atingidos.

Nascidos, criados e criando suas famílias à beira dos rios da bacia do Rio Doce, os ribeirinhos tiveram seus laços históricos com a natureza rompidos juntamente com a barragem de rejeitos, modificando drasticamente suas vidas. Esses trabalhadores se encontram hoje condicionados a conviverem sob uma nova dinâmica cultural, social, econômica e educativa calcados na gestão empresarial (no contexto pós-crime) pela Fundação Renova – fundação de direito privado, mantida e financiada pela Samarco (enquanto mantedora principal) e pela Vale e a BHP (enquanto mantedoras subsidiárias).

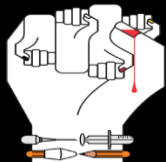
Nesse sentido, os trabalhadores ribeirinhos enfrentam, no seu cotidiano, uma permanente violência ambiental por parte das empresas criminosas contra seus modos de vida ribeirinhos. Como forma de resistência às investidas das empresas criminosas e seu braço pedagógico nas comunidades – a Renova –, a classe trabalhadora ribeirinha se mobiliza através dos movimentos sociais – em especial o MAB (Movimento dos Atingidos por Barragens) – e demais entidades<sup>1</sup>, para lutar por seus direitos e pela revitalização ambiental da Bacia, na esperança de um dia retomarem seus modos de vida.

Diante da intensificação desses conflitos de interesses na região atingida, **objetivo** é analisar a luta de classes na Bacia do Rio Doce após o crime ambiental que atingiu os territórios ribeirinhos. A seguir será apresentada, de forma sistematizada, a metodologia utilizada para realizar essa investigação.

## METODOLOGIA

O ser social é produto e manifestação de suas relações históricas (THOMPSON, 1987; 2012) – dos aprendizados, da realização pelo trabalho, cultura (tradições e das relações ambientais), das múltiplas determinações, mediações e contradições presentes na sociedade do capital (KOSIK, 2002; THOMPSON, 1981). Nesse sentido, o referencial teórico-metodológico utilizado para a construção desse trabalho se dá a partir do materialismo histórico e dialético (MARX, 1998).

<sup>1</sup> Como as acessórias técnicas Cáritas e AEDAS (Associação Estadual de Defesa Ambiental e Social); Jornal A Sirene; grupos de pesquisadores; Ministério Público; entre outros.



Como recorte espacial da pesquisa, têm-se as comunidades ribeirinhas de Mascarenhas (Baixo Guandu – ES) e Maria Ortiz (Colatina – ES). Como procedimentos de pesquisa em campo têm-se: (I) Uso de recurso de gravação de áudio (II) uso de recurso fotográfico, vídeo, documentários e filmes. (III) uso de entrevistas semiestruturadas com os trabalhadores ribeirinhos que se mobilizam através do MAB e de membros dirigentes do Movimento que atuam no Espírito Santo.

## RESULTADOS E DISCUSSÕES DE UMA PESQUISA EM ANDAMENTO

538

O crime ambiental da Bacia do Rio Doce não foi um caso isolado. A mundialização da economia e a demanda insaciável por recursos naturais e humanos para a manutenção do modo de produção capitalista avançam, ameaçam e atingem territórios ocupados por comunidades tradicionais. Nesse sentido, defende-se a ideia de que os crimes ambientais fazem parte do processo de violência e expropriação oriunda da acumulação primitiva do capital (MARX, 1998) ao longo de seu desenvolvimento e expansão de seus domínios pelo espaço geográfico.

Já no século XIX, Marx (1998, p. 828) ressaltava que a relação social de produção capitalista pressupõe a separação entre os trabalhadores e a propriedade das condições/meios para a realização do trabalho – entre seres humanos e natureza. Diante da acumulação primitiva permanente do capital (BRANDÃO, 2010, p. 51), inúmeras mudanças recaíram sobre as comunidades ribeirinhas após o crime ambiental da Bacia do Rio Doce.

Como principal consequência<sup>2</sup>, de acordo com pesquisa, está o fim das relações de trabalho dos ribeirinhos com os rios atingidos. Os trabalhadores ribeirinhos carregam em seus modos de vida a relação intrínseca com a natureza, “vivendo/trabalhando em ambientes na beira de rios” (DE CASTRO; RODRIGUES, 2020, p. 263), sendo a pesca uma importante mediação para as relações com a natureza.

Com o fim das relações de trabalho com os rios (em especial na região do Espírito Santo onde há maior concentração de pescadores), a classe trabalhadora ribeirinha perde suas capacidades reprodutivas autônomas e, conseqüentemente, perde também suas condições de vida, de permanecerem no território e de manterem seus

<sup>2</sup> E que dela decorrem outras, como: aumento de problemas de saúde, principalmente, de ordem psíquica, aumento do índice de violência nas comunidades, ociosidade do tempo livre, aumento do alcoolismo entre os homens, consumo e venda de drogas entre os jovens, entre outros.



modos de vida. Corroborando com Engels (2010, p. 136), trata-se de um “assassinato social” quando se condiciona esses trabalhadores ao modo de vida capitalista. Sendo esse um dos principais motivos que levam a “desestruturas dos modos de vida” (SOUZA, 2020, p. 31) de povos e comunidades tradicionais. Os conflitos de interesse se intensificam, assim como a violência e o silenciamento das mobilizações sociais contra a empresa e a Fundação Renova.

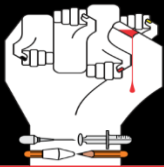
Diante da efervescência da luta de classes no Rio Doce, aponta-se para a importância do papel formativo-informativo desempenhado pelo MAB. Desde o crime, o Movimento vem, continuamente, construindo meios para mobilização e resistência em toda Bacia, visando à superação das violências (históricas e cotidianas) que oprimem as comunidades ribeirinhas da região atingida. Para muitos, a “consciência” (GRAMSCI, 2006, p. 94) enquanto classe (THOMPSON, 1987) trabalhadora atingida por crimes ambientais, se deu a partir da construção de uma pedagogia voltada às questões ambientais (AQUINO, 2018).

Essa ação educativa em torno do meio ambiente promovida pelo MAB decorre da necessidade de mobilização, formação crítica e de resistência às constantes investidas de cooptação de lideranças comunitárias e de jovens trabalhadores à ideologia da Fundação Renova. A luta também consiste em exigir do Estado brasileiro – diante da sua paralisia para atender os interesses da classe trabalhadora ribeirinha –, a efetividade nas reparações às comunidades atingidas. Por outro lado, os governos federal, estaduais e municipais, se mostram efetivos em ações de segurança unilaterais da propriedade privada e integridade produtiva da empresa.

Nesse sentido, a classe trabalhadora ribeirinha se organiza a partir da necessidade imposta pela realidade após o crime ambiental. Como coloca Thompson (2012, p. 279), “uma classe não pode existir sem um tipo qualquer de consciência de si mesmo”, o que ocorre quando os ribeirinhos se reconhecem enquanto sujeitos históricos no processo de reestruturação ambiental e dos modos de vida na Bacia do Rio Doce.

## CONCLUSÕES INICIAIS

O processo formativo em torno das questões ambientais (o que a autora compreende como a educação ambiental crítica dos movimentos sociais) é visto como um projeto de construção de outro modelo de sociedade e que diverge da exploração e expropriação capitalista. Tal formação é construída por e para os atingidos, indo de



encontro à lógica imposta pela hegemonia político-econômica, tendo o protagonismo da Fundação Renova (Samarco/associadas) como objeto de crítica.

Ciente de que a educação está imersa em contradições e determinações, esta também pode ser o ponto de partida para a emancipação dos subalternizados, que travam nos espaços formativos, suas lutas em defesa de seus direitos, necessidades e expectativas. Busca-se com isso, a construção do protagonismo da classe trabalhadora atingidas por crimes ambientais em oposição às ações expropriativas do capital, a partir da participação social e inclusiva na vida política e prática, através do exercício revolucionário-educativo nos movimentos sociais.

540

**PALAVRAS-CHAVE:** Crime Ambiental. Bacia do Rio Doce. Ribeirinhos. Modos de Vida.

## REFERÊNCIAS

AQUINO, Mahalia; “*Aprender a ser atingido*”: Educação e lutas socioambientais diante do rompimento da Barragem de Fundão (Mariana – MG) no Rio Doce e afluentes. Dissertação de Mestrado; CCH – UNIRIO. Rio de Janeiro, 2018.

BRANDÃO, Carlos. Acumulação primitiva permanente e desenvolvimento capitalista no Brasil contemporâneo. In.: ALMEIDA, Alfredo Wagner (et. al.). *Capitalismo globalizado e recursos territoriais: fronteiras de acumulação no Brasil contemporâneo* / Rio de Janeiro: Lamparina, 2010.

DE CASTRO, Osvaldo Luís Martins.; RODRIGUES, Doriedson do Socorro. Tecnologias de produção da vida em imagens: saberes do trabalho da pesca em comunidades ribeirinhas. *Revista Trabalho Necessário*, nº 18(37), 261-275, 2020.

ENGELS, Friedrich; *A situação da classe trabalhadora na Inglaterra*; São Paulo: Boitempo, 2010.

GRAMSCI, Antonio. *Cadernos do cárcere*, volume 1. – 4ª ed. – Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2006.

KOSIK, Karel. *Dialética do concreto*; 7ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2002.

MARX, Karl. *O capital: a crítica da economia política: o processo de produção do capital*. Livro I, volumes I e II. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1998.

SOUZA, William K. do Amaral. *Trabalho-educação, economia e cultura em povos e comunidades tradicionais: a (re)afirmação de modos de vida como formas de resistência*. Niterói, 2020.

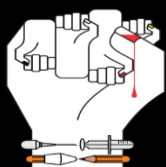
THOMPSON, Edward P. *A miséria da teoria ou um planetário de erros: Uma crítica ao pensamento de Althusser*; Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1981.

Realização:



Apoio:



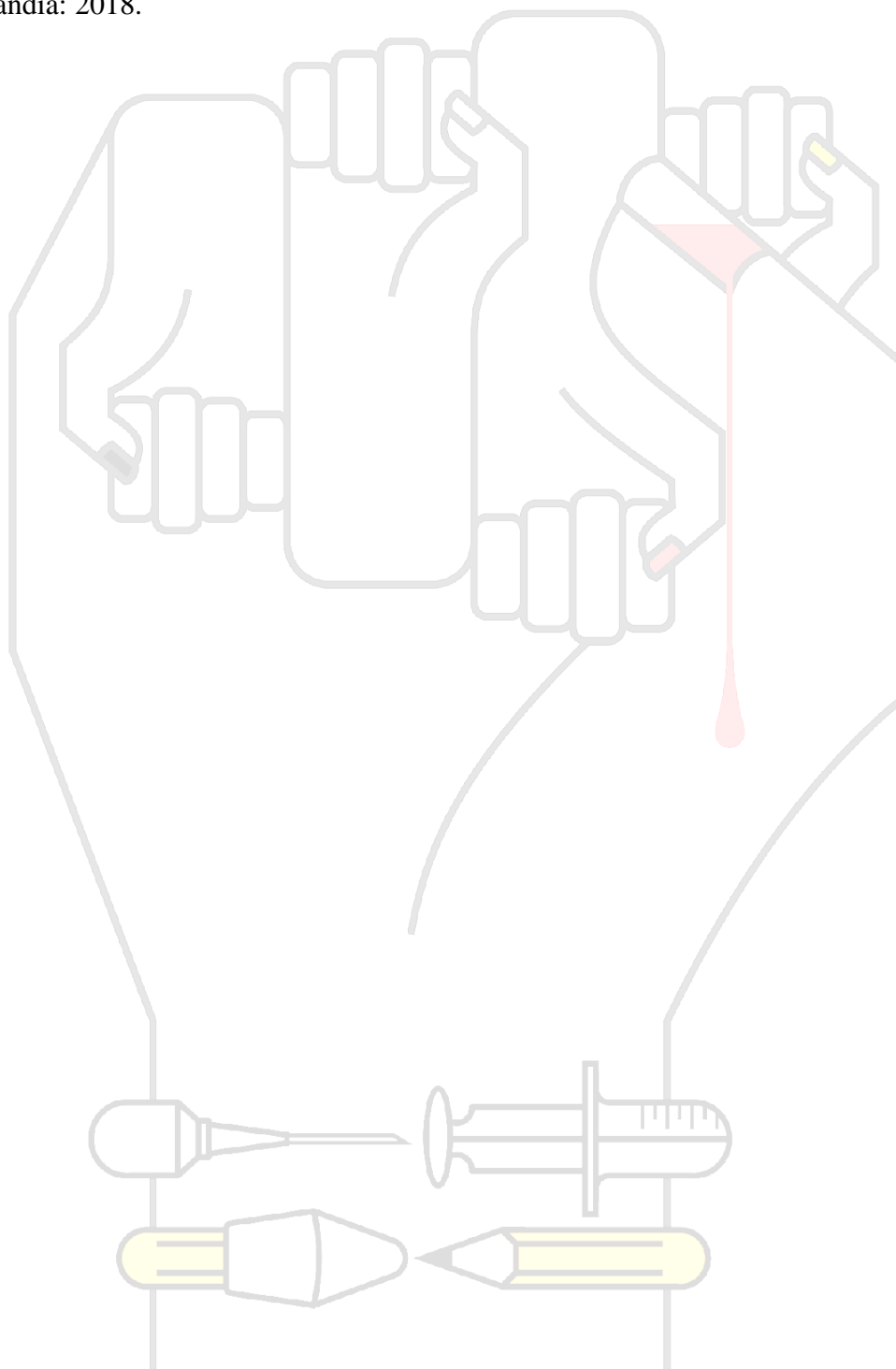


THOMPSON, Edward P. *A Formação da classe operária inglesa (vol. I)*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

THOMPSON, Edward P. Algumas observações sobre classe e 'falsa consciência'. In.: *A peculiaridade dos ingleses e outros artigos*. Negro, A.L. e Silva, S. (orgs); Campinas: Unicamp, 2012.

TIRIBA, Lia. Fios invisíveis do(s) mundo(s) do trabalho: a experiência à lupa. In: Lívia Diana Rocha Magalhaes; Lia Tiriba. (Org.). *Experiência: o termo ausente?* 1ª ed. Uberlândia: 2018.

541



Realização:



Apoio:

